

GRUPOS, AÇÕES DE APOIO E EDUCAÇÃO PERMANENTE COMO DISPOSITIVOS DE CUIDADO E PRODUÇÃO DE SAÚDE MENTAL NA UFRGS

Moises Romanini

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: mromanini@gmail.com)

EIXO TEMÁTICO: Intervenção em Saúde Mental no Contexto da Educação Superior

Introdução

No início dos anos 2000, o Brasil começou a viver um movimento (que perdurou por aproximadamente uma década) de reforma e ampliação do Ensino Superior. A raça, etnia, cor, classe e gênero da universidade pública brasileira se modificaram substancialmente após a implantação de diversas políticas públicas que abriram as portas do ensino superior: o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras (REUNI), o Sistema de Seleção Unificado (SISU), o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), a Lei nº 12.711/2012 (Lei de Cotas), dentre outras.

Este movimento de democratização do Ensino Superior, necessário embora não suficiente, trouxe consigo desafios e possibilidades para as universidades na construção de um processo educacional que atenda às demandas e às contradições contemporâneas, e ainda contribua com a aprendizagem e o desenvolvimento humano (Marinho-Araújo, 2015; Sampaio, 2015; Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul, 2019). Em uma pesquisa realizada pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes, 2019), com aproximadamente 400 mil estudantes das 63 Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) do Brasil, percebeu-se que o perfil das/os estudantes está cada vez mais próximo do perfil sociodemográfico do Brasil: diversidade cultural, racial, de sexo e também a desigualdade de renda.

Esta mesma pesquisa evidencia a existência no ambiente universitário de uma procura por orientação e acompanhamento psicológico que não pode ser ignorada. Do total de participantes, 23,7% refere que problemas emocionais ou psicológicos têm gerado dificuldades nos estudos, com um número significativo sendo de indígenas aldeadas e de pessoas com deficiência. O número é mais significativo ainda quando consideramos as dificuldades emocionais de um modo geral, sendo que mais de 80% da amostra indica tais dificuldades, referindo sintomas como ansiedade e insônia, e sentimentos de solidão, desamparo e desânimo. Em torno de 8% refere ideação suicida (Andifes, 2019).

Cabe destacar que o processo educativo no Ensino Superior é um fenômeno complexo e multideterminado que, na Educação Superior, é inseparável ao desenvolvimento profissional e é formado por fatores de ordem econômica, política, social e cultural. Por isso, a Psicologia Escolar e Educacional, em sua perspectiva crítica, busca superar práticas individualistas, pautadas num modelo clínico de ‘restauração de condutas’, através da coletivização das práticas de formação e dos processos de ensino e aprendizagem (Rocha, 1999). Tal trabalho, segundo a autora, “é caracterizado como um trabalho geral, de grupo, de contextualização, de relações dinâmicas, de mobilização das instituições que se escondem nas organizações, favorecendo o pensar ou mesmo a democratização das relações” (p. 188).

Nessa mesma direção, o documento publicado pelo Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul (2019) refere que cabe à Psicologia Escolar e Educacional “problematizar, promover consciência e reflexão, desconstruir preconceitos, mediar relações, coletivizar os saberes, promover diálogo, auxiliar na compreensão das singularidades, permitindo visão integral sobre o desenvolvimento do sujeito, bem como a ampliação do olhar acerca dos processos educativos” (p. 15). Ao coletivizar tais práticas, as/os psicólogas/os, inspirados na

análise institucional, podem construir espaços de escuta e diálogo através de dispositivos grupais, apostando nas singularidades e promovendo conscientização e reflexão crítica.

Objetivos

Tendo em vista tanto a preocupação com as questões emocionais e de saúde mental na universidade, quanto essa perspectiva crítica de atuação da Psicologia Escolar e Educacional no Ensino Superior, propomos um movimento – o Movimento Educação e Saúde Mental, o MEDUSA. Tendo como público-alvo estudantes de graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o MEDUSA tem como objetivo geral construir espaços de escuta, acolhimento e intervenções com estudantes e demais atores universitários sobre questões relativas à saúde mental e vivências na universidade.

Neste trabalho, apresentamos algumas reflexões a partir da experiência do Programa MEDUSA que, desde o ano de 2020, vem promovendo intervenções dentro da universidade, com diferentes atores da comunidade acadêmica. Este texto tem, portanto, o objetivo de apresentar e problematizar as ações de grupos com estudantes, ações de apoio em saúde mental e educação permanente como dispositivos de cuidado e produção de saúde na UFRGS.

Metodologia

Ao inclinarmos-nos sobre a micropolítica da vida universitária, propomos um programa de extensão que dialoga com a proposta da pesquisa-intervenção cartográfica, concebida como indissociável da política e da dimensão clínica, buscando operar desvios num plano que é sempre coletivo, porque inscrito na ordem da subjetivação. A cartografia, enquanto um método da pesquisa-intervenção, é entendida por Deleuze e Guattari (1995) como um método de aproximação da subjetividade, concebida em sua dimensão processual – o sujeito é, ao mesmo tempo, produto e processo de produção constante.

Seguindo um dos princípios do funcionamento do rizoma, Deleuze e Guattari (1995) ponderam que a cartografia é um mapa aberto que vai sendo desenhado a partir das conexões que emergem do próprio campo de pesquisa (ou mesmo intervenção/extensão), incluindo nesse campo e nessas conexões as implicações do próprio pesquisador(a)/extensionista, seus desejos, perguntas e saberes. Por isso, embora sugerimos alguns objetivos e estratégias metodológicas para o desenvolvimento deste programa de extensão, afirmamos que os métodos ou ações previstas não antecipam o caminho ao trilhar.

Resultados e Discussão

Em todas as ações previstas no MEDUSA buscamos a articulação permanente entre ensino, pesquisa e extensão para a construção de um cuidado em saúde mental com estudantes universitários/as. Na dimensão do ensino, destacamos a proposta de um programa de estágios em psicologia (estágio básico e estágio de ênfase em psicologia social e políticas públicas), cujas atividades envolvem encontros de formação, cursos de extensão e encontros semanais de supervisão, além daquelas que são compartilhadas com as ações de extensão. Os/as estagiários/as e bolsistas se envolvem em diversas ações extensionistas: grupos semanais de acolhimento e acompanhamento de estudantes; oficinas e ações sobre temas específicos; ações de apoio em saúde mental; inserção na Casa do Estudante; e produção de materiais de educação permanente em saúde mental.

Como efeito e, ao mesmo tempo, disparador de tais ações, o MEDUSA tem como alguns de seus produtos a confecção de uma cartilha digital sobre saúde mental, o aplicativo para Android MEDUSA UFRGS, site institucional, um canal em plataforma de vídeos e página em redes sociais. No âmbito da pesquisa, o programa MEDUSA está vinculado à pesquisa-intervenção intitulada “Saúde Mental na Universidade: problematizações acerca dos efeitos da Pandemia e do Ensino Remoto Emergencial na vida de estudantes universitárias/os” (financiada

pelo CNPq – Edital Universal 2021 – Processo nº 404601/2021-9), cujos instrumentos de pesquisa foram inicialmente construídos tendo como base a experiência na extensão. Os resultados da pesquisa, por sua vez, fomentam a construção de outros dispositivos de ensino e de extensão, como a realização de ciclos de encontros, fóruns de debate sobre saúde mental na universidade e o planejamento de disciplinas na graduação e pós-graduação. Num ciclo que se retroalimenta entre ensino, pesquisa e extensão, o MEDUSA vem construindo espaços coletivos de cuidado e de produção de saberes.

Percebemos que, principalmente através dos dispositivos grupais (grupos semanais, fóruns, rodas de conversa e ciclos de encontros) a coletivização das experiências e angústias, tomando a saúde mental não como fenômeno ou atributo individual, mas como uma construção coletiva, tornou-se a tônica do nosso trabalho. Temas como a homofobia, elitismo, hierarquização das relações acadêmicas, produtivismo e competitividade no ambiente acadêmico, dificuldades de adaptação, dentre outros, emergiram nos e através dos encontros, em processos de aproximação e distanciamento das experiências narradas pelas/os estudantes e profissionais envolvidos/as em nossas ações.

Nesse sentido, retomamos a nossa inspiração na pesquisa-intervenção cartográfica, uma vez que ela faz aparecer o coletivo enquanto experiência do comum. O comum não se refere a um comunitarismo homogêneo e identitário, ele é inseparável da noção de heterogeneidade, pois estamos falando de práticas concretas do campo de pesquisa que “comunam”, no sentido de partilha de um bem comum, cujo efeito é o sentimento de pertencimento. Dessa forma, “o comum é aquilo que partilhamos e em que tomamos parte, pertencemos, nos engajamos” (Kastrup & Passos, 2014, p. 21). Destacamos que nossos grupos semanais de acolhimento e acompanhamento não se autointitulam como terapêuticos, uma vez que entendemos que a universidade pode promover e produzir saúde, afastando-se das perspectivas tradicionais curativas e adaptativas da Psicologia Escolar e Educacional.

Os espaços de cuidado em grupo vêm produzindo, como indicado anteriormente, um processo de coletivização das experiências das/os estudantes, como bem nos indicaram Rocha (1999), Marinho-Araújo (2015) e Sampaio (2015). Os grupos adotam uma metodologia semelhante às rodas de conversa propostas por Peretta, Oliveira e Lima (2019). Os participantes das rodas de conversa sobre a evasão abordaram aspectos como as pressões advindas da sociedade e familiares; expectativas, dilemas e vivências da vida universitária; dívidas simbólicas, com a sociedade, com a família, consigo mesmos. Diante de angústias e sofrimentos, as rodas se constituíram como uma significativa ferramenta para a atuação da/o psicóloga/o escolar na universidade, pois, além de fornecerem informações importantes para ações institucionais, proporcionaram também um espaço dialógico, de acolhimento, reflexão e ressignificação (Peretta, Oliveira & Lima, 2019).

É nesse sentido que o dispositivo grupal possibilita a coletivização das experiências e angústias, tomando a saúde mental não como fenômeno ou atributo individual, mas como uma construção coletiva. Os grupos, portanto, evidenciam questões sobre a saúde mental na universidade que já vêm sendo apontadas por diversas pesquisas e autores. Em uma pesquisa com estudantes moradores de uma casa do estudante de uma universidade pública, Osse e Costa (2011) identificaram níveis significativos de ansiedade e depressão em estudantes que dependiam de recursos institucionais para a sua subsistência. E como resposta às dificuldades de adaptação ao novo contexto, os autores também identificaram comportamentos de risco associados à solução de problemas, como o uso abusivo de substâncias psicoativas – tema recorrente em nossos encontros.

Como um dos efeitos de um contexto hierarquizado, produtivista e competitivo, temos a frequente afirmação dos estudantes sobre a sensação de a universidade ser um espaço de construção e vivências individualistas e meritocráticas. Nessa direção, Venturini e Goulart (2016) destacam o tema da solidão como significativo no debate sobre a saúde mental no âmbito

das relações e processos universitários, indicando a necessidade da construção de projetos de saúde mental acolhedores e inclusivos. Além disso, o novo perfil das universidades públicas, que traz para dentro das instituições um estudante-trabalhador, coloca em análise práticas pedagógicas e currículos naturalizados em premissas de um ensino superior ainda elitista. Nesse sentido, Leal e colaboradores (2019) analisam a relação de problemas de saúde mental, como depressão e suicídio, com os problemas emocionais, dificuldades financeiras e inadaptação ao meio acadêmico vividos por estudantes.

Demandas como o excesso de carga horária de estudo, a adaptação ao novo contexto, novas rotinas de sono e alimentação, demandas de organização do tempo e estratégias de estudo, o nível de exigência das disciplinas cursadas para a formação profissional, a difícil equação entre trabalho, família e estudos, emergem também nos grupos MEDUSA através de angústias e ansiedades traduzidas na culpabilização individual do fracasso acadêmico. As/os estudantes, embora problematizem condições institucionais e estruturais que favoreçam o fracasso, tomam para si tal responsabilidade ou culpa, o que gera um intenso sofrimento psíquico.

Paralelamente à realização dos grupos, a ação de apoio matricial em saúde mental na universidade tem como inspiração as práticas de matriciamento nas Redes de Atenção em Saúde. Conforme Campos e Domitti (2007), ao procurar garantir a responsabilização compartilhada dos casos discutidos nas reuniões de matriciamento, potencializando uma escuta diferenciada e ampliada para os sujeitos e promovendo ações individuais e coletivas, o Apoio Matricial vem se configurando como uma aposta na superação da dicotomia entre Saúde Mental e Atenção Básica.

Após reelaboração do conceito de organização matricial do trabalho, Campos (1999) postula um novo arranjo organizacional para o trabalho em saúde, denominando-o equipes de referência e apoio especializado matricial, sustentando-se nas diretrizes de vínculo terapêutico, transdisciplinaridade do saber e das práticas e gestão das organizações como dispositivo para a produção de saúde. Campos e Domitti (2007) defendem que as equipes de referência e apoio matricial sejam tanto um arranjo organizacional quanto uma metodologia de trabalho. Nessa direção, três planos, do ponto de vista prático, podem ser tomados como referência no desenvolvimento desse arranjo: troca de conhecimento e de orientações entre equipe e apoiador; atendimentos e intervenções conjuntas entre profissional de referência e apoiador; e intervenções complementares especializadas dos apoiadores.

Adaptando e recriando o apoio matricial no contexto da universidade, nosso grupo de extensionistas se propõe a funcionar como uma equipe de apoio às Comissões de Graduação (substituindo aqui as Equipes de Referência – as comissões têm, dentre outras, a função de acompanhar pedagogicamente o percurso das/os estudantes desde a sua entrada até a formatura, constituindo-se numa referência para essas/es. O apoio se configura não com o foco nos desajustes ou problemas individuais, mas para o diálogo, troca de saberes e informações e construção conjunta de intervenções que visem a promoção da saúde na universidade. Como um dos efeitos dos espaços de cuidado em grupo e das ações de apoio em saúde mental, emerge demandas de formação e sensibilização de professores/as e técnicos/as administrativos/as sobre questões relativas à saúde mental na universidade.

Considerações Finais

A partir da construção de comunidades de sentidos, do comum, com e através dos dispositivos grupais presentes em nosso programa de extensão, não colocamos em análise apenas aspectos relativos à saúde mental dos/as estudantes, mas também as práticas institucionais, pedagógicas e currículos naturalizados em premissas de um ensino superior ainda elitista. Considerando os avanços, ainda incipientes, promovidos pelo maior acesso ao ensino superior e a transformação recente no perfil do estudante das universidades federais, precisamos enfrentar e superar desafios e dificuldades de permanência de estudantes na

universidade, construindo ações cada vez mais integradas entre ensino, pesquisa e extensão. Através de programas como esse e outras ações que vêm sendo desenvolvidas, acreditamos na potência de vida e de transformação da universidade, que pode se constituir num espaço democrático de construção e compartilhamento de conhecimentos, bem como de produção de saúde mental.

Referências

- Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. (2019). *V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES – 2018*. Brasília, DF: Andifes, Fonaprace, Universidade Federal de Uberlândia.
- Campos, G. W. S. (1999). Equipes de referência e apoio especializado matricial: um ensaio sobre a reorganização do trabalho em saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 4(2), 393-403.
- Campos, G. W. S., & Domitti, A. C. (2007). Apoio matricial e equipe de referência: uma metodologia para gestão do trabalho interdisciplinar em saúde. *Caderno de Saúde Pública*, 23(2), 399-407.
- Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul. (2019). *Psicologia na educação: saberes e fazeres*. Porto Alegre: Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. (vol. 1). São Paulo: Ed. 54.
- Kastrup, V.; Passos, E. (2014). Cartografar é traçar um plano comum. In E. Passos, V. Kastrup, & S. Tedesco (Orgs.). *Pistas do Método da Cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum – Volume 2* (pp. 15-41). Porto Alegre: Sulina.
- Leal, K. S.; Oliveira, P. D. S., Rodrigues, P. R. G., & Fogaça, F. F. S. (2019). Desafios enfrentados na Universidade Pública e a Saúde Mental dos estudantes. *Humanidades & Inovação*, 6(8), 59-69.
- Marinho-Araújo, C. M. (2015). Psicologia Escolar na Educação Superior: Novos cenários de intervenção e pesquisa. In C. M. Marinho-Araújo (Org.). *Psicologia escolar: novos cenários e contextos de pesquisa, prática e formação*. (pp. 133-174). Campinas, SP: Alínea.
- Osse, C. M. C., & Costa, I. I. (2011). Saúde Mental e Qualidade de Vida na moradia estudantil da Universidade de Brasília. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 28(1), 115-122. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000100012>
- Peretta, A. A. C. S., Oliveira, I. W. M., & Lima, L. M. (2019). Roda de Conversa sobre Evasão: a psicologia escolar no ensino superior. *Revista Psicologia Escolar e Educacional*, 23 (e186484), 1-4, <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392019016484>
- Rocha, M. L. (1999). A formação na interface psicologia/educação. In A. M. Jacó-Vilela, & Mancebo, D. (Orgs). *Psicologia social: abordagens sócio-históricas e desafios contemporâneos*. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Sampaio, S. M. R. (2015). Explorando Possibilidades: O trabalho do psicólogo na educação superior. (pp. 175-190). In C. M. Marinho-Araújo (Org.). *Psicologia escolar: novos cenários e contextos de pesquisa, prática e formação*. Campinas, SP: Alínea.
- Venturini, E., & Goulart, M. S. B. (2016). Universidade, Solidão e Saúde Mental. *Interfaces – Revista de Extensão da UFMG*, 4(2), 94-115.

Palavras-Chave: Educação; Saúde Mental; Universidade.